



A ENTRADA NA TERRA PROMETIDA E O CICLO DOS JUÍZES

A chegada do povo de Israel à Terra Prometida constituiu um marco decisivo na história da salvação, sinalizando o cumprimento das promessas divinas e o início de uma nova etapa na vida do povo de Deus.

Sob a liderança de Josué, os israelitas atravessaram o rio Jordão e deram início ao processo de conquista e assentamento em Canaã, enfrentando batalhas, desafios e a necessidade constante de permanecerem fiéis à aliança com o Senhor.

Este tempo inaugurou também uma nova fase histórica e espiritual, na qual o período dos Juízes assumiu um papel central na organização das tribos, na defesa da fé e na preservação da identidade do povo diante das ameaças externas e das tentações internas de infidelidade.

1. A ENTRADA NA TERRA

⇒ “Toda a Terra da Judeia e sua distribuição às tribos é imagem da Igreja futura dos céus!” (S. Jerônimo, *Contra Joviniano*, 2,34)

No momento da entrada e da conquista da Terra Prometida, encontramos Josué à frente do Povo de Deus (cf. Js 1,1-8). Moisés já havia conduzido vitórias importantes na região da Transjordânia (cf. Nm 21; Dt 34). Com Josué, o povo atravessa o rio Jordão (cf. Js 3,14-4,18) e inicia a conquista de cidades dentro da própria Canaã (cf. Js 1-23).

Logo após a entrada na Terra, Josué convocou todo o povo em Siquém e renovou solenemente a aliança com a proclamação das bênçãos e maldições do Deuteronômio (cf. Js 8,30-35). Mais tarde, após a consolidação de diversas vitórias, o povo foi convocado novamente em Siquém para uma grande assembleia (cf. Js 24).

Em uma campanha rápida e decisiva, Josué conquistou Jericó (cf. Js 6,1-27) e Hai (cf. Js 8,1-29), firmou um tratado de paz com os gabaonitas (cf. Js 9,1-27), derrotou cinco reis amorreus ao sul (reis de Jerusalém, Hebron, Jarmut, Laquis e Eglon, cf. Js 10,16-27) e, por fim, tomou Hasor e cidades vizinhas, no norte (cf. Js 11,1-23). Não se tratou, contudo, de uma ocupação completa do território, mas da tomada de pontos estratégicos por um grupo de clãs e famílias que, com recursos limitados, depositava plena confiança em Deus.

Josué, então, realizou o lançamento das sortes para dividir a terra entre as doze tribos (cf. Js 13,6; 14,2), a fim de manifestar que o verdadeiro dono da terra era o Senhor (cf. Lv 25,23). A tribo de Levi não recebeu território, pois a sua herança era o próprio Senhor (cf. Js 18,7); no entanto, recebeu cidades levíticas (cf. Js 21), entre as quais seis foram designadas como cidades de refúgio (cf. Js 20).

Entretanto, apesar de vitórias e conquistas, um problema permaneceu: apesar de Deus ter mandado exterminar todos os povos que habitavam aquelas regiões, os filisteus continuaram nas cidades costeiras, e muitos cananeus dominaram várias cidades do interior (cf. Js 13,2-5; Jz 1).



⇒ “[“Ainda ficou muita terra por conquistar”: Js 13,2] Existem muitas terras, nos nossos tempos, que ainda não foram colocadas sob os pés de Jesus, o qual, um dia, possuirá tudo. É evidente que, na segunda vinda, Jesus obterá toda essa imensa terra que ainda falta conquistar” (Orígenes, *Homilias sobre Josué*, 16,3)

Nota histórica:

A teoria mais aceita atualmente sobre a formação da nação de Israel sustenta que ela não se originou apenas do grupo conduzido por Moisés, isto é, dos escravos fugitivos do Egito.

Teria incluído também tribos que já habitavam as regiões montanhosas de Canaã e que buscavam libertar-se da política opressora das cidades-estado cananeias. Essas tribos locais, possivelmente da mesma linhagem dos hebreus que fugiram do Egito, viviam sob a influência egípcia: os reis das cidades-estado pagavam tributos ao Egito e enviavam trabalhadores escravizados provenientes desses grupos nômades. Diversos indícios bíblicos, como a narrativa do profeta Balaão, mostram que essas tribos já conheciam o Deus de Israel, o grande protagonista de toda a história da salvação.

A esse conjunto de tribos uniram-se ainda outros grupos de escravos fugitivos, portadores da mesma herança étnica e religiosa. O gênio de Moisés foi dar a todos uma unidade nova e duradoura: ele compreendeu que a fé no Deus único e verdadeiro (JHWH) seria o elemento capaz de unir essas diversas origens sob uma mesma aliança e um mesmo destino.



2. O CICLO DOS JUÍZES

Depois do assentamento na Terra Prometida, sob a liderança de Josué, as doze tribos de Israel atravessaram um período de transição: deixaram progressivamente o nomadismo e passaram a uma vida sedentária, fixando-se em territórios próprios e organizando-se em clãs.

Na época dos Juízes, ainda não existia uma nação unificada. As tribos viviam como uma *confederação*: eram grupos autônomos que se apoiavam mutuamente, sem governo central ou autoridade comum. Essa forma de organização ressaltava uma verdade teológica fundamental: o próprio Senhor era o único Rei e líder de Israel.

Cada israelita era responsável por observar a Lei do Senhor, e o texto bíblico resume bem o espírito desse tempo: “Cada um fazia o que lhe parecia justo” (Jz 17,6). Contudo, a ausência de uma autoridade comum também gerava conflitos internos e, em certos casos, até guerras entre as próprias tribos (cf. Jz 12).

O Papel dos Juízes

Quando as tribos eram ameaçadas por povos vizinhos, surgiam os Juízes, que não eram autoridades judiciárias, mas líderes carismáticos, levantados por Deus, que exerciam funções militares, políticas e espirituais. Portanto, não eram “juízes” no sentido moderno do termo, mas chefes tribais ou governantes locais que atuavam como instrumentos do juízo de Deus, libertando o povo da opressão e restaurando a ordem.

Os principais inimigos de Israel nesse período foram:

- os *filisteus*, no litoral;
- os *cananeus*, nas regiões do interior;
- os *arameus*, ao norte;
- os *amonitas e moabitas*, ao leste;
- e os *edomitas e madianitas*, ao sul.

A religião e a unidade espiritual

O que mantinha unidas as tribos era sobretudo a fé comum em Deus e o culto organizado em torno do Tabernáculo, onde se guardava a Arca da Aliança, sob o cuidado dos sacerdotes responsáveis pelos sacrifícios.

Entretanto, o monoteísmo israelita ainda não estava plenamente consolidado. Nessa fase, os israelitas reconheciam o Senhor como seu Deus nacional, mas

admitiam a existência de outras divindades, consideradas protetoras de outros povos. A força de cada deus era medida pelo poder militar da nação que o venerava.

Somente mais tarde, com a ação dos profetas e o amadurecimento da fé durante o período monárquico, firmou-se definitivamente a consciência do Deus único e universal.

O Ciclo das Invasões e Libertações

Como as tribos não haviam cumprido integralmente as ordens divinas na conquista da terra (cf. Jz 1,27-34), Israel experimentou um ciclo repetitivo de infidelidade e salvação que refletia um verdadeiro programa pedagógico de Deus. Esse ciclo pode ser resumido assim:

1. *Pecado* – o povo abandona o Senhor;
2. *Castigo* – Deus permite a invasão por povos inimigos;
3. *Clamor* – o povo se arrepende e pede socorro;
4. *Libertação* – Deus suscita um juiz que os liberta;
5. *Paz* – enquanto o juiz vive, há tranquilidade; depois, o ciclo recomeça.

Teologicamente, esse movimento revela o esforço de Deus em educar o seu povo para compreender que somente Ele é o verdadeiro guia, defensor e salvador de Israel.

⇒ “Se diz que os antigos abandonaram o Senhor e deram culto a Baal. Mas tudo o que foi escrito não o fora por causa deles, mas sim por nós, ‘em quem se cumpriu a plenitude dos tempos’ [1Cor 10,11]. Assim, sempre que pecamos e caímos sob o cativo da lei e do pecado [Rm 7,23], nos ajoelhamos diante de Baal. Mas não fomos chamados para isso; nem a nossa fé é tal que, de novo, estejamos dispostos a servir ao pecado e, assim, novamente nos ajoelhemos diante do Diabo, mas fomos chamados a nos ajoelharmos ‘ao nome de Jesus’ pois, diante do nome de Jesus ‘se dobre todo joelho, no Céu, na Terra e nos infernos [Fl 2,10]’ (Orígenes, *Homilias sobre os Juízes*, 2,3).

⇒ A história de Israel entre a tomada da terra e a formação do Estado foi uma incessante alternância de altos e baixos, de tempos de apostasia, de castigo, de salvamento e de paz. Os israelitas faziam o que desagradava ao Senhor; adoravam os Baais (divindades pagãs da terra cultivada) e os

deuses de outros povos, e com isso suscitavam a ira do Senhor. O castigo vinha em seguida. Deus os entregava nas mãos de inimigos externos, que assediavam, escravizavam e ameaçavam a existência do povo. Em consequência disso, os israelitas clamavam a Deus pedindo auxílio, e Ele, em sua longanimidade, tinha misericórdia deles, despertando-lhes heróis, figuras de salvadores que conseguiam afastar o perigo e expulsar os inimigos. Após um período de paz, porém, a apostasia recomeçava, uma vez após a outra, e isso por todo o período até a formação do Estado. (CF. DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1, pág. 181)

Lista dos juízes

Alguns dividem os juízes entre «juízes maiores», ou seja, aqueles cuja história é narrada de maneira mais pormenorizada e que foram realmente heróis conhecidos, e «juízes menores», ou seja, aqueles que são apenas mencionados, talvez por terem uma atuação menos conhecida fora do seu âmbito de ação.

Juízes maiores são Otoniel, Aod, Débora, Gedeão, Jefté, Sansão.

Juízes menores são Samgar, Tola, Jair, Abesã, Elon, Abdon.

JUIZ	CITAÇÃO	TRIBO	AÇÕES	DATAÇÃO
Otoniel	3, 7-11	Judá	Venceu os edomitas	
Aod	3, 12-30	Benjamim	Derrotou os moabitas	1.150 a.C.
Samgar	3, 31	Neftali	Feriu 600 filisteus	
Débora/Barac	4, 1 – 5, 31	Efraim	Venceram os cananeus	1.125 a.C.
Gedeão	6,1 – 8, 35	Manassés	Derrotou os madianitas	1.060 a.C.
Tola	10,1s	Issacar		
Jair	7, 3-5	Manassés	O que teve 30 filhos	
Jefté	10,6 – 12,7	Manassés	Derrotou os amonitas. Voto precipitado	
Abesã	12, 8-10	Judá	Teve 30 filhos. Casamentos mistos.	
Elon	12,11-12	Zabulon		
Abdon	11, 13-15	Efraim	Teve 40 filhos e 30 netos	
Sansão	13, 1-16, 31	Dã	Matou milhares de filisteus	

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.

GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.

HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.

KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.

LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.

MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.

REINKE, A.D., *Atlas ilustrado da Bíblia*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2024.

REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.

VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.

VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.